

# Entre trabalhadores e capitalistas: uma visão da alienação no pensamento de Karl Marx

Wagner Rafael Rodrigues\*

Léo Peruzzo Júnior\*\*

## Resumo

Com o auge da Revolução Industrial, no início do século XIX, o modo de produção capitalista tornou o trabalho humano mero instrumento de trabalho. Nesse sentido, a crítica filosófica-econômica de Karl Marx retrata como o homem baixou a essa condição. Assim, o problema que norteou essa pesquisa se pauta em compreender qual a concepção crítica de Marx a respeito do conceito de alienação, tendo como objetivo apontar como Marx entende a alienação. Nessa perspectiva, se postulou primeiramente o desvinculamento de Marx da esquerda hegeliana para a formação de seu próprio pensamento, e a apropriação do conceito de alienação que ele fez de Hegel e Feuerbach. Posteriormente, conforme os *Manuscritos econômico-filosóficos*, o homem ao realizar seu trabalho, como meio de subsistência, ao mesmo tempo, cria um mundo que é alheio e estranho a sua existência. Assim, o trabalhador não é dono de si próprio, o fruto de seu trabalho não lhe pertence, o produto que ele produz é um ser estranho com um poder independente, que o faz viver uma relação consigo mesmo, com a natureza e com os outros como um ser alienado. Por fim, na obra *O Capital* designou-se que além de estar inserido no círculo vicioso do trabalho, não por vontade própria, mas por coação, o trabalhador ao consumir mercadorias alimenta o sistema que o oprime. Além disso, ao elevar o dinheiro ao posto de valor de uso, toda sociedade se tornou refém de muitas necessidades que a faz se alienar taxando as relações sociais como valores de troca.

**Palavras-chave:** ser humano, trabalho, alienação, propriedade privada, capital, mercadoria.

## Introdução

A presente discussão se embasa no início do século XIX, que em seu conturbado começo se maravilhava com a aurora da Revolução Industrial e a frustração

---

\* Graduado em Filosofia pela FAE Centro Universitário.

\*\* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor na FAE Centro Universitário.

diante da Revolução francesa, nisso inúmeras dificuldades clamavam por soluções. O êxodo rural que acumulava multidões nas cidades medievais da Europa em busca de emprego nas fábricas, a ascensão do Império de Napoleão Bonaparte que devastava o continente europeu, a falta de condições para o trabalho (que em alguns casos era escravo), o avanço do positivismo que cientificava as relações sociais... etc., esses eram alguns dos muitos problemas que assolavam a humanidade nos primórdios do século XIX.

Desse modo, o pensamento que Marx postulou visava compreender como tais problemas se infiltraram no seio da sociedade europeia. Dentre eles, a questão do trabalho foi o que lhe causou mais impacto. Marx observou em seu tempo que para reproduzir sua existência o homem precisa de trabalho, mas ele percebeu que todo trabalho estava alienado, desdobrando-se a um complexo maior de alienações (religiosa, científica, cultural).

Desse modo, a questão que norteia este artigo se fundamenta na seguinte questão: Qual a concepção crítica de Marx a respeito do *conceito de alienação*? Nesse sentido, tentar-se-á elucubrar algumas provocações a respeito desse problema, perseguindo estes objetivos específicos: descrever sucintamente como o conceito de alienação é apresentado a Marx, como ele o entende e quais as modificações que Marx empreende para relacionar alienação com trabalho.

Porém, nestas linhas breves que se seguirão, não se pretenderá apontar todas as características que envolvem o pensamento marxista, mas tão somente tal discussão culmina numa visão panorâmica sobre alguns aspectos que permeia a obra de Marx.

## 2 Metodologia

A reflexão se desenvolverá como pesquisa bibliográfica, na qual a partir do problema traçar-se-ão metas a serem atingidas: apresentar um breve histórico da obra de Marx e suas influências; considerar alguns trechos da obra *Manuscritos econômico-filosóficos*, e, finalmente embasando-se no *O Capital*, descrever como o conceito de mercadoria reforça a alienação tornando cada vez mais o trabalhador estranho de si mesmo. Utilizam-se análise de conteúdo e fichas de leitura, uma vez que se trata de uma crítica muito vasta; serão utilizados livros, revistas científicas e artigos acadêmi-

cos que vão ao encontro da proposta do projeto, procurando elucidar as questões por ele levantadas.

### 3 Fundamentação teórica

O presente trabalho é um recorte na vasta produção filosófica de Marx. Cabe somente elencar alguns apontamentos sobre as obras da juventude e da famosa obra da maturidade. Optou-se por tratar somente do termo alienação referente ao viés filosófico-econômico, se descartando o texto *Sobre a questão judaica*. Assim, como um pontapé inicial, a discussão se pauta nos itens que se seguem.

#### 3.1 Contexto histórico

Karl Marx nasceu em Trier em 1818, na Alemanha, numa família judia que depois, por causa da atividade do pai que era advogado, se tornou protestante. Iniciou seus estudos na Universidade de Bonn no curso de Direito. Devido, a uma vida boêmia o pai o forçou a se mudar para Berlim, onde cursou História e Filosofia. Porém, não conseguindo média para se formar na Universidade de Berlim, inscreveu sua tese em Jenna, formando-se doutor em 1841, com a tese: *A diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*.

Em 1843, muda-se para Paris, onde conhece as ideias de Proudhon e Blanc, também conheceu Engels, que se tornou seu amigo e beneficiário. Paris foi uma cidade inspiradora para Marx, pois lá ele escreveu os *Manuscritos econômico-filosóficos*, obra que trata da alienação do homem pelo trabalho.

Em 1845, publicou junto com Engels, a obra *Sagrada família*, em contraposição às ideias de Bruno Bauer e aos hegelianos de esquerda. Com Engels, Marx escreveu *A Ideologia alemã*, ainda contra os hegelianos, *As teses contra Feuerbach* também são escritas em 1845. *O manifesto do partido comunista* remonta a janeiro de 1848.

Em Londres, Marx se estabeleceu para pesquisar sobre a economia, graças ao apoio financeiro de Engels, resultando no primeiro volume da obra *O capital*. Os outros dois volumes foram publicados pelo movimento operário posterior, entre 1885 e 1894. Marx morreu no dia 14 de março de 1883, sendo sepultado no cemitério de Highgate, em Londres.

O jovem Marx participou da esquerda hegeliana, que discutia as ideias de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1170-1831), tendo como principal representante Ludwig Feuerbach (1804-1872). O primeiro construiu um grande e complexo sistema filosófico, o segundo foi um crítico da religião. Em que esses influenciam o pensamento de Marx? Como eles entendem o termo *alienação*?

Para Hegel, a *Ideia* é o ponto de partida de sua reflexão. Nela está contido o *Ser*, todavia para Hegel, no *Ser* está também o *não-ser* em contraposição com o *ser*. Essa tensão existente entre o *ser* e o *não ser* faz com que a *Ideia* se exteriorize dando origem à *Natureza*. Nesse estágio, encontra-se o ser humano, que por origem é a exteriorização da *Ideia*. Em outras palavras, o homem é alienado na sua natureza. Cabe a ele, ou melhor, à *Ideia* exteriorizada, retornar a si mesma no *Espírito absoluto*. Tal caminho é realizado pelo movimento dialético de tese, antítese e síntese.

Na sua obra *A essência do cristianismo*, Feuerbach dirige uma crítica ao cristianismo, afirmando que a religião coloca o homem no âmbito do absoluto (céu). Para ele, o homem é Deus de si mesmo, ou seja, ele acreditava que a religião aliena o homem, forçando-o a colocar todas suas potencialidades numa vida que há de vir. Feuerbach afirma; “Quando a vida celestial é uma verdade, é a vida terrena uma mentira, quando a fantasia é tudo, a realidade não é nada” (FEUERBACH, 1997, p. 202). Nesse sentido, Deus é apenas aquilo que o homem não consegue ser, e nada mais. Marx nega que a alienação seja natural, como pensava Hegel, e discorda de Feuerbach, pois a religião é apenas um aspecto da alienação.

Nessa perspectiva, assim como Feuerbach, Marx não concordou com a postura de Hegel e dos seus discípulos da direita hegeliana. Porém, Marx diferentemente de Feuerbach, postula que a alienação não se dá apenas no campo religioso, sobretudo, um problema social causado pela desigualdade gerada pelo trabalho. Com efeito, Marx se afasta de Feuerbach; “se o homem é obrigado a projetar-se num mundo imaginário fora do mundo real, é, primeiro, porque está alienado na sua existência terrestre” (COLLIN, 2010, p. 35). E ainda nas *Teses contra Feuebarch* Marx ressalta: “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo diferentemente, cabe *transformá-lo*” (MARX, 1978, p. 53).

Sendo assim, o jovem Marx supera essas posições considerando que a causa da alienação é a desigualdade social manifestada no trabalho. Dessa maneira, no item

que se segue destacar-se-á o modo como Marx postula a função do trabalho na geração de trabalhadores alienados.

### 3.2 O processo alienante

A principal obra da juventude de Marx se atém a alguns manuscritos, que são fruto de suas leituras sobre os economistas clássicos, principalmente Adam Smith e David Ricardo. Nos *Manuscritos econômico-filosóficos* Marx inicia sua reflexão tendo como base a economia nacional europeia. E a partir das suas leis o trabalhador se enquadra e sustenta todo um sistema que o torna alienado.

Nesse sentido, Marx chama atenção para o seguinte raciocínio: que o *produto* (objeto) é estranho ao trabalhador, ou seja, não pertence a ele, mas ao burguês que injeta o capital. O *produto* do trabalho se fixou num objeto, fez-se coisa. Marx chama este processo de *objetivação*. E a *efetivação* é esta objetivação do trabalho, que sob a análise do sistema de capital, consiste na *desefetivação* do trabalhador. A *objetivação* gera a servidão, deixando o trabalhador escravo do objeto. Assim:

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas (Sachenwelt) aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (Menschenwelt) (MARX, 2010, p. 80).

A partir disso, o trabalhador (homem) se torna uma mercadoria; mais do que isso, a mais miserável mercadoria, que trabalha para gerar lucro em poucas mãos. Em outras palavras, tal processo gera consequências para quem realiza este procedimento. Nesse âmbito quem perde vive em total servidão ao objeto, ou seja, o trabalhador, peça fundamental para realização desse artifício, vende sua força de trabalho, concretiza o trabalho abstrato e por fim o resultado do seu trabalho não lhe pertence. Nesse sentido, portanto, todo o trabalho é estranho ao trabalhador, ou seja, a atividade produtiva causa no produtor *Estranhamento* (*Entfremdung*) que consiste em *Alienação* (*Entausserung*) conforme Marx.

A efetivação do trabalho tanto aparece como desefetivação que o trabalhador é desefetivado até morrer de fome. A objetivação tanto aparece como perda do objeto que o trabalhador é despojado dos objetos mais necessários não somente à vida, mas

também dos objetos do trabalho. Sim, o trabalho mesmo se torna um objeto, do qual o trabalhador só pode se apossar com os maiores esforços e com as mais extraordinárias interrupções. A apropriação do objeto tanto aparece como estranhamento (*Entfremdung*) que, quanto mais objetos o trabalhador produz, tanto menos pode possuir e tanto mais fica sob o domínio do seu produto, do capital (MARX, 2010, p. 80-81).

Destarte, tal princípio alienante, a partir da ideia que o trabalho, realizado de forma forçada se desdobra em outras dimensões, o trabalhador se aliena no *ato da sua produção*, quanto ao seu *ser genérico* e em relação aos *outros*. No que tange ao primeiro aspecto, no ato da produção, Marx indaga: “como poderia o trabalhador defrontar-se alheio (*fremd*) ao produto da sua atividade se no ato mesmo da produção ele não se estranhasse a si mesmo?” (MARX, 2010, p. 82).

Desse modo, o produto é apenas o resumo do estranhamento, pois a atividade produtiva já é em si o estranhamento. Marx retrata:

O produto do trabalho é, sim, somente o resumo (*Resumé*) da atividade, da produção. Se, portanto, o produto do trabalho é a exteriorização ativa, a exteriorização da atividade, a atividade da exteriorização. No estranhamento do objeto do trabalho resume-se somente o estranhamento, a exteriorização na atividade do trabalho mesmo (MARX, 2010, p. 82).

O segundo desdobramento, quanto ao seu ser genérico, para Marx o trabalho não é voluntário, mas forçado e obrigado. O trabalho não é satisfação, é meio para a sobrevivência. Ao realizar seu ofício, o trabalhador se autosacrifica e se mortifica, não o assume livremente, mas como uma carga, um peso. Dessa maneira, ao realizar seu trabalho o homem doa sua vida para o objeto, e sua existência é meramente física. Sua vida equivale somente a sua vida produtiva. A vida produtiva é a vida real do homem, a vida humana é somente um meio para satisfazer uma necessidade física. Conforme Marx:

O homem faz da sua atividade vital mesma um objeto da sua vontade e da sua consciência. Ele tem atividade vital consciente. Esta não é uma determinidade (*Bestimmtheit*) com a qual ele coincide imediatamente. A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital animal. Justamente, [e] só por isso, ele é um ser genérico. Ou ele somente é um ser consciente, isto é, a sua própria vida lhe é objeto, precisamente porque é um ser genérico. Eis por que sua atividade

é atividade livre. O trabalho estranhado inverte a relação a tal ponto que o homem, precisamente porque é um ser consciente, faz da sua atividade vital, da sua essência, apenas um meio para sua existência (MARX, 2010, p. 84-85).

Finalmente, o ponto final desse processo alienante culmina na relação com os outros. Se um determinado trabalhador não possui nada mais que sua força de trabalho, dependendo somente dela para sobreviver, ele se submete ao jugo do capitalista para não morrer de fome. Porém, devido à farta mão-de-obra quem não segue as regras é demitido, pois “no seu lugar existem muitos”. Assim, a relação entre os trabalhadores se baseia numa guerra, porque o outro é visto como um concorrente que quer tirar meu emprego. Não importa se o trabalho lhe suga toda sua energia, que o transforma numa máquina, que lhe roube o fruto do seu trabalho.

Talvez, um dito popular expresse tal pensamento, “antes o pouco do que o nada”. Importa que com tal trabalho o trabalhador não morra de fome, que tenha pelo menos o mínimo para sua subsistência física. Nesse último aspecto, do estranhamento, o trabalhador encontra-se tão aferrado ao seu trabalho, que não consegue, ao menos, estabelecer uma relação saudável com os outros.

Nesse sentido, indaga-se: o que resta ao trabalhador ao final desse processo? Qual sua motivação para viver? Cabe a ele se contentar com as migalhas que lhe restam? Marx ressalta:

*O trabalhador tem a infelicidade de ser um capital vivo e, portanto, carente (bedurftig), que, a cada momento em que não trabalha, perde seus juros e, com isso, sua existência. Como capital, o valor do trabalhador aumenta no sentido da procura e da oferta e, também fisicamente a sua existência (Dasein), a sua vida, se torna e é sabida como oferta de mercadoria, tal como qualquer outra mercadoria. O trabalhador produz o capital; o capital produz o trabalhador. O trabalhador [produz], portanto, a si mesmo, e o homem enquanto trabalhador, enquanto mercadoria, é o produto do movimento total. O homem nada mais é do que trabalhador e, como trabalhador, suas propriedades humanas o são apenas na medida em que o são para o capital, que lhe é estranho (MARX, 2010, p. 91).*

Em suma, ao se deparar com seu trabalho o trabalhador se sujeita a não viver plenamente sua vida, mas apenas sobrevive instintamente, do mesmo que os animais

na floresta. Todavia, o que possibilita que esse processo perdure? Qual o meio que sustenta a máquina capitalista? Tais questões serão explanadas no item que se segue.

### 3.3 A crítica político-econômica

O centro da discussão neste ponto se firma na obra mais famosa de Marx, *O capital*, sobretudo o primeiro capítulo que trata especificamente da mercadoria. Contudo, se realça num primeiro momento uma prévia reflexão que Marx redige em 1858, conhecida como meros apontamentos da economia política. Dentre esses esboços, é notável: *Zur Kritik der politischen Oekonomie*, que em português se traduz por: *Para a Crítica da economia política*.

Assim, primeiramente considerar-se-á alguns aspectos desse texto, em que Marx trata das dimensões do sistema capitalista. Posteriormente, se tratará especificamente do tema da mercadoria.

#### 3.3.1 Produção, consumo, distribuição e troca

O primeiro aspecto do modo de produção capitalista é a produção material que cria objetos para satisfazer as necessidades dos homens, tais como; alimentação, vestuário e habitação. Desse modo, Marx aponta que dentre os aspectos do modo de produção capitalista é a produção que se articula com os outros, a fim de garantir que mercadorias sejam produzidas. Ele retrata:

A produção cria os objetos que correspondem às necessidades (*Bedurfnissen*); a distribuição os reparte de acordo com as leis sociais; a troca reparte de novo o que já está distribuído segundo a necessidade individual, e finalmente, no consumo, o produto desaparece do movimento social, convertendo-se diretamente em objeto e servidor da necessidade individual satisfazendo-a no desfrute. A produção aparece assim como ponto inicial; o consumo, como ponto final; a distribuição e a troca aparecem como meio-termo, que é assim dúplice, já que a distribuição é determinada como momento determinado pela sociedade, e a troca como momento determinado pelos indivíduos (MARX, 1978, p. 107).

Assim, ao se privar pela produção, o sistema capitalista produz objetos que garantam seu único objetivo, obter lucro. E nisso, se enquadra os indivíduos que con-



tribuem, através da sua força de trabalho, para a produção dos objetos, sendo eles próprios objetos. O ser humano que antes da sociedade industrial caçava seu alimento e construía sua própria moradia, com a ascensão da industrialização, produz objetos que satisfaçam tais necessidades, seja para ele, seja para os outros. Desse modo: “o indivíduo aparece desprendido dos laços naturais que, em épocas históricas remotas, fizeram dele um acessório de um conglomerado humano limitado e determinado” (MARX, 1978, p. 103).

Nesse sentido, a produção objetiva o trabalhador para atender seu único objetivo, a produção de objetos. Todavia, a produção é abstração, ou seja, o trabalho efetivado pelo homem que determina a produção. Em outras palavras, a produção do escultor, por exemplo, não é mera produção, mas se torna sua criação, ou seja, ao trabalhar ele não produz somente um objeto, mas faz a si mesmo. Porém, o trabalhador que encara seu trabalho como sacrifício, como castigo, apenas produz por produzir, para ele não importa cada produto em si, lhe interessa apenas cumprir sua função para receber aquilo que lhe cabe, ou seja, seu salário.

Nessa perspectiva, para Marx, produção é consumo, pois aquilo que se produz se reproduz conforme uma necessidade. Ninguém faz uma enxada se não tiver mato para carpir. Noutras palavras, a produção, ao fornecer o material para o consumo, conforme a necessidade determina o consumo através da necessidade gerada pelos produtos produzidos. Todavia, o consumo, ao solicitar ao produtor certa finalidade (necessidade) o engendra na sua própria necessidade de adquirir aquilo que ele produz. Assim, tanto a produção, quanto o consumo ampliam a exteriorização (alienação), pois aumentam o poderio do modo de produção capitalista, que tendo mais necessidades mais produz, e quanto mais produz mais necessidades surgem.

O segundo modo da produção é a distribuição que tem como função determinar a proporção a ser dividida, conforme as leis sociais. Todavia, o distribuir depende da forma como se estrutura os níveis daqueles que podem adquirir os produtos. Em outras palavras, a produção de alimentos não se prima pela necessidade de matar a fome das pessoas, mas por quanto cada saca de trigo rende, ou seja, a produção é resultado da necessidade, porém, é distribuída conforme a quantia paga por cada indivíduo. Dessa maneira:

A articulação da distribuição é inteiramente determinada pela articulação da produção. A própria distribuição é um produto da produção, não só no que diz respeito ao objeto, podendo apenas ser distribuído o resultado da produção, mas também no que diz respeito à forma, pois o modo preciso de participação na produção determina as formas particulares da distribuição, isto é, determina de que forma o produtor participará na distribuição (MARX, 1978, p. 112).

Por fim, ocorre a troca e a circulação dos produtos, que distribuídos são repartidos novamente, de acordo com a reclamação feita pelos indivíduos. O produto que antes tinha uma característica, se transforma em outros produtos conforme as diversas necessidades que os indivíduos possuem. Em outras palavras, o trabalhador precisa vender sua força de trabalho para receber seu salário, que lhe propicia trocar o dinheiro recebido para satisfazer suas necessidades, ou seja, ele produz produtos e ao mesmo tempo os consome.

Em suma, a troca está associada ao consumo e à produção, pois a troca se determinada por ambos. Ela possui um papel importante no sistema capitalista; porque é a responsável pelo movimento dos produtos, que torna a economia dinâmica e cíclica, no entanto, tal característica faz com que não aja uma estabilidade econômica, forçando o mercado a sempre se reinventar.

Todavia, a crítica de Marx aponta que é justamente a forma como são divididos os lucros que acarreta cada vez mais a desigualdade social, e por último, a troca dos produtos faz com que surjam mais necessidades, que requerem mais produção, que gera mais consumo, o que faz que sejam produzidos mais produtos para sanar as necessidades dos indivíduos, que presos a esse círculo vicioso não percebem quanto mais consomem e produzem mercadorias mais alienados se tornam. Contudo, o que Marx entende por mercadoria? Como ele a concebe? Eis a discussão no próximo tópico.

### 3.3.2 Mercadoria, a base do sistema capitalista

O que seria de um comerciante senão houvesse mercadorias? Como desempenhar a arte do comércio sem ter nada para oferecer? Guiado por essas questões, indaga-se: o que vem a ser a mercadoria? Este é o ponto de partida de Marx no *Capital*, como havia dito no esboço da *Crítica da economia política*, a produção capitalista é forte,

pois engloba uma enorme rol de mercadorias. Em outras palavras, a riqueza das sociedades modernas se deu graças à grande quantidade de mercadorias comercializadas.

Dessa maneira, não basta somente produzir mercadorias, é preciso que elas sejam consumidas, ou seja, toda mercadoria é uma coisa útil, pois, se ninguém a consome, por que continuar produzindo? Por isso, que cada vez mais se produz diversos tipos de mercadorias, se tal tipo não estiver rendendo, ele desaparece do mercado. Assim, para Marx: “a utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso” (MARX, 2013, p. 114), ou seja, o valor de uso só existe porque é útil para alguém. Todavia, essa utilidade não é somente abstração, ela está impregnada no corpo da mercadoria. Noutras palavras, o *Valor de uso* é relacionado como uma necessidade, seja como uma dúzia de ovos para o café de manhã, seja um relógio para marcar as horas. Assim: “o valor de uso se efetiva apenas no uso ou no consumo” (MARX, 2013, p. 114). De acordo, com Konder, o valor de uso: “é sempre subjetivo” (KONDER, 1999, p. 111). Associado ao valor de uso está o *Valor de troca*, que “ao contrário do valor de uso, não é *subjetivo* e sim *objetivo*. Ele se manifesta objetivamente nas relações sociais, na troca, na compra e venda dos produtos” (KONDER, 1999, p. 112). Marx afirma, que toda mercadoria se pauta por esses dois princípios, *valor de uso*, que corresponde à utilidade da mercadoria, e *valor de troca*, que equivale ao modo de como tal mercadoria é trocada por outra.

Nessa perspectiva, se toda mercadoria carrega essa duplicidade, do mesmo modo todo trabalho requerido para a produção de mercadorias também é duplo. Noutras palavras, ao produzir mercadorias e na medida em que esta mercadoria se relaciona com outras mercadorias, que contêm outros trabalhos, se estrutura o trabalho complexo, que sendo trabalho abstrato é um dispêndio de energias humanas, físicas e intelectuais. O que chama atenção é que todo trabalho complexo não revela o trabalhador que produziu, mas somente o trabalho humano em geral. Assim, não importa o trabalhador, mas sim o trabalho que este produz. Talvez Erich Fromm (1970) ilustre a situação que tal concepção de trabalho provoca:

Poder-se-ia dizer que a pessoa se alienou de si mesma. Não sente como centro de seu mundo, como criadora de seus próprios atos, tendo sido os seus atos e as consequências destes transformados em seus senhores, aos quais obedece e aos quais quiçá até adora. A pessoa alienada não tem contato consigo mesma e também não o tem nenhuma outra pessoa. Percebe a si e os demais como são percebidas as

coisas: com sentidos e com o senso comum, mas, ao mesmo tempo, sem relacionar-se produtivamente consigo mesma e com o mundo exterior (FROMM, 1970, p. 124).

Destarte, o trabalho humano é também um produto que não sendo mais útil é descartado como qualquer outra mercadoria. É o caso do agronegócio que há tempos troca a mão-de-obra manual pelas máquinas, que rendem mais lucros e geram menos gastos. Mas o que torna o trabalho um produto? Ora, o trabalho enquanto servidor do único objetivo do capitalista, ferramenta para obtenção de lucros, serve ao mercado que dita o que produzir. Em outras palavras, o trabalho é executado de acordo com a necessidade, ou seja, ninguém fabrica aparelhos eletrônicos no sertão nordestino, nesse lugar a necessidade é água e alimentos, portanto, o trabalho é produto, pois é refém da mercadoria.

O trajeto percorrido até aqui deixa claro que todas as pessoas se relacionam com a mercadoria, seja vendendo força de trabalho, seja comprando força de trabalho para adquirir mercadorias. Porém, como foi dito, as mercadorias não surgem do nada, mas pelo contrário, pela apropriação que o homem faz da natureza ele produz mercadorias.

Nesse sentido, a chave de compreensão para a discussão que Marx faz em torno da forma de valor é abarcar justamente a duplicidade que há na mercadoria, sua forma natural e como ela se justifica como forma de valor, ou seja, como ela se tornou valor.

Primeiramente, Marx chama valor de *Forma simples* (natural) que basicamente significa a troca direta entre duas mercadorias. Por exemplo, fulano de tal produz trigo e precisa de casaco, que troca com beltrano, que tem necessidade de trigo. Ambos trocam seus respectivos produtos e saciam suas necessidades.

No entanto, o problema é quando fulano de tal tem necessidade de vinho, tendo somente trigo para ser trocado, e o indivíduo que produz vinho não tem necessidade de adquirir trigo. Como se realiza a troca? Marx aponta que ao longo da história, devido a essa dificuldade, se criou o dinheiro (moeda), que possibilitou trocar um produto por qualquer outro. A isso Marx denomina *Forma equivalente*, ou seja, um meio que possibilita a troca entre as mercadorias.

Assim, dinheiro não representa nenhum trabalho, mas ao mesmo tempo ele representa todo trabalho. Todavia, esse trabalho é trabalho abstrato. Numa sociedade, em que para adquirir as coisas se precisa de dinheiro, dando a ideia que tudo é dinheiro,



as pessoas são alienadas, pois nas coisas que elas produzem não reconhecem seu trabalho, mas somente dinheiro para aquisição de mercadorias. Com razão, Fromm destaca: “Consumir é essencialmente satisfazer a fantasia artificialmente estimulada, o desempenho de uma fantasia alheia ao nosso ser real e concreto” (FROMM, 1970, p.136). Em outras palavras, o dinheiro que era valor de troca se tornou valor de uso. O dinheiro assumiu o controle da troca entre as mercadorias produzidas para satisfazer as inúmeras necessidades da sociedade capitalista. Quando as relações humanas são definidas pelo dinheiro, o homem está se coisificando. E acha que uma coisa como o dinheiro é que tem vida e não ele. A esta relação estranhada com o dinheiro, ou melhor, com a mercadoria que o dinheiro se tornou, Marx chamou de *Fetichismo da mercadoria*.

Sendo assim, a mercadoria, enquanto detentora da vida dos indivíduos, os trata como meros objetos a serem descartados ao final do processo. A vida é tida como uma mera produção, sobreviver para satisfazer necessidades. Nessas considerações sobre alienação resultante da produção de mercadorias, o trabalhador enquanto peça primordial para a manutenção do modo capitalista de produção aliena-se ao doar sua vida em prol da mercadoria, seja enquanto trabalhador seja enquanto consumidor.

## Considerações finais

Cada ser humano por existir sente fome, frio, sede, calor etc.. Por causa disso, transformou a natureza ao longo dos tempos para sanar tais necessidades, ora de uma forma mais rústica, ora com um pouco mais de conforto graças ao aperfeiçoamento da técnica pelo uso da Razão. Todavia, muito mais que sanar necessidades físicas, o homem sempre buscou um sentido para a vida, assim ele criou a filosofia, as artes e a religião.

Nesse sentido, frustrado nas inúmeras vezes que tentou engendrar a vida humana num padrão, deixou de lado tais questões existenciais e se voltou para a organização da vida em sociedade. É nesse âmbito que o pensamento de Marx se concatena ao conturbado século XIX, que mais preocupado com coisas materiais, fez de tudo, inclusive do humano, objeto a ser verificado pelo rigor da Ciência. Assim, a sociedade capitalista moderna se pauta pela busca de conforto e deixa a angústia de existir de lado. Todavia, ao se buscar a efemeridade das coisas, perde-se a capacidade de se reconhecer como humano. As relações sociais se baseiam entre aqueles que detêm

o capital e outros que vivem em função desse capital. Num palpite arriscado, tendo como base essa reflexão feita, grosso modo, da visão marxista se pode considerar que ambos, capitalistas e proletários, estão alienados, pois se busca viver do mesmo modo: em função de mercadorias. A diferença é que um desgasta sua vida para a produção, e o outro aproveita os benefícios que tal produção proporciona.

Nessa ótica, a contribuição da crítica de Karl Marx em torno da lógica capitalista, que trata o trabalhador como mera ferramenta de trabalho, se fez fundamental para sustentar a inversão do conceito de alienação herdado de Hegel, que pensa o indivíduo alienado por si mesmo, e de Feuerbach, que enxerga o homem alienado pela religião. Marx, apropriando-se de ambos, postulou que o ser humano é alienado pelos modos de produção. Portanto, o trabalho é o principal responsável pela alienação do humano, com razão Rodrigues (2013) aponta: “ao realizar seu trabalho, o homem torna o objeto rico e poderoso e ele próprio, pobre e vazio de existência” (RODRIGUES, 2013, p. 14).

Num segundo, momento nos *Manuscritos econômico-filosóficos* o trabalho é a mediação entre o homem e os objetos tornando o objeto rico e poderoso, e por sua vez, o homem pobre e vazio de existência. O trabalhador não é dono de si próprio; o fruto de seu trabalho não é seu; o produto que ele produz é um ser estranho com um poder independente dele. O homem vive uma relação consigo mesmo, com a natureza e com os outros como um ser alienado, *coisificado*.

No que tange à discussão feita no terceiro capítulo, a produção que gera consumo, ou vice-versa, torna o trabalhador cada vez mais alienado, pois o engendra num círculo vicioso; produz para sobreviver, consome para produzir. Quanto à troca e distribuição, contribuem para a manutenção dessa dialética que estranha o homem de si mesmo. Em outras palavras, “acorrentado ao trabalho”, o homem não se realiza plenamente, mas por coação se obriga a vender sua força de trabalho para apenas sobreviver com “as migalhas” que o capitalista lhe paga.

Concomitantemente, o trabalhador ao consumir mercadorias alimenta o sistema que o oprime. Além disso, ao elevar o dinheiro ao posto de valor de uso, toda sociedade se tornou refém de muitas necessidades que a fazem se alienar taxando as relações sociais como valores de troca, ou seja, o dinheiro é mais importante que a vida. Ao

produzir mercadorias, o trabalhador deixa de ser protagonista da sua existência para se tornar escravo das coisas produzidas por ele mesmo.

Reler a obra de Marx é mergulhar num rio cheio de destroços, a fim de encontrar a nascente da essência humana. Em outras palavras, é deixar de lado a relação escravista com o trabalho e a mercadoria, seja como produtor, seja como consumidor, para edificar valores que favoreçam vida em plenitude.

## Referências

COLLIN, Denis. **Compreender Marx**. Trad. Jaime Clasen. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Trad. José da Silva Brandão. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1997.

FROMM, Erich. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. 6ª ed. Rio de Janeiro, 1970.

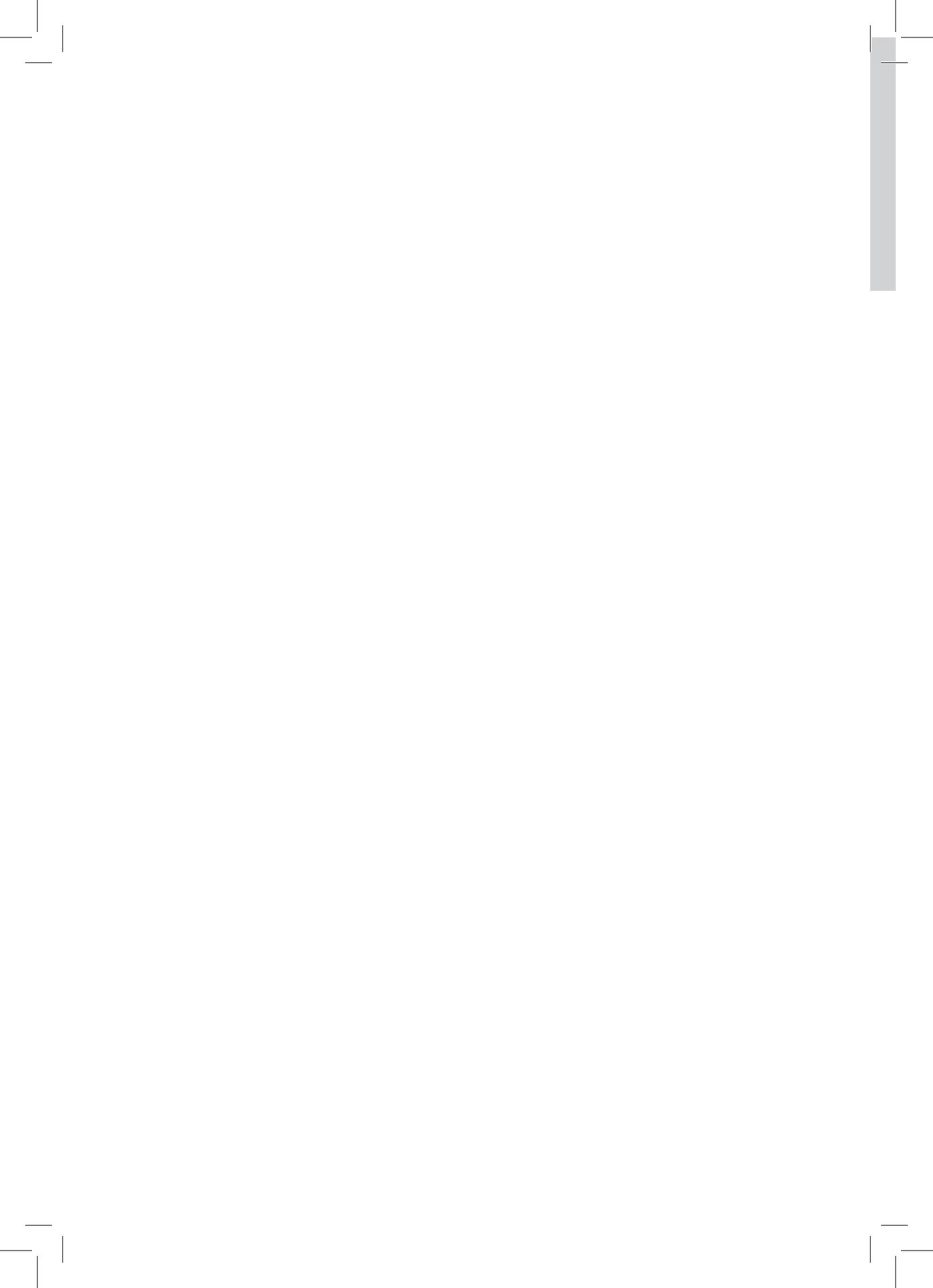
KONDER, Leandro. **Marx: vida e obra**. 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri [4ª reimpr.] São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **Os pensadores: Karl Marx textos seletos**. Trad. José Arthur Giannotti. 2ª ed. São Paulo: Abril cultural, 1978.

RODRIGUES, Wagner Rafael. A concepção de homem em Tragtenberg: compreensão necessária para problematizar a felicidade no trabalho, in: **Caderno de iniciação científica**, FAE Centro Universitário. n° 14, 2012-2013. Curitiba, 2013.





# TRADUÇÃO

